

MARIA LETÍCIA, COMPANHEIRA

Sem a memória (rigorosa e crítica) e o trabalho de Maria Letícia, que começou a organização e catalogação do espólio de Mário Dionísio logo em 1994; sem as suas **economias**, que foram



suficientes para adquirir o prédio em que se instalou a **Casa da Achada**; e sem a sua vida dedicada a Mário Dionísio, à educação e ao conhecimento, e à **luta** por um mundo **diferente**, não existiria esta casa.

Nas centrais, **homenagem** nossa à mulher, à educadora e à resistente antifascista. ■

FESTEJANDO ABRIL. E MAIO...

Na contracorrente «liberal», designação eufemística da mais **descarada** usura capitalista, festejamos Abril (e já agora, Maio) com o **ânimo** de sempre. A 25 abrimos portas a uma nova exposição de pinturas, desenhos e tábuas biobibliográficas de Mário Dionísio. E lançamos o respectivo livro-catálogo, prosseguindo a nossa **aventura** editorial. E também esta Ficha segunda. E há Coro, canções sonantes e risos dissonantes. E pastéis de nata. E bebidas honestas e das outras. E **festarola** até às tantas. ■





FAZERES & AFAZERES de Outubro a ABRIL

I. CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO

Continua a ser tratado o espólio literário de Mário Dionísio e o seu arquivo pessoal e de Maria Letícia. Está em curso a inventariação e a digitalização da correspondência que se encontra no Centro de Documentação.

O acervo é constituído por mais de 4000 cartas, cartões, postais, telegramas. Mais de 2000 incluídos no Espólio Literário. Os restantes no Espólio Artístico e no Arquivo Pessoal. Nele se encontram cópias de cartas que Mário Dionísio enviou e sobretudo cartas (algumas delas ilustradas) que M. D. recebeu sobre polémicas, obras, edições, exposições, colaborações (muitas delas de instituições, partidos, jornais e revistas, etc.) e também sobre assuntos pessoais. Entre muitos outros, assinam cartas, cartões e postais: Luis Albuquerque, João Pedro de Andrade, Mário Braga, João de Freitas Branco, Bento Caraça, Ferreira de Castro, João José Cochofel, José Fernandes Fafe, José Gomes Ferreira, Manuel Ferreira, Vergílio Ferreira, Keil do Amaral, Maria Keil, José-Augusto França, Fernando Lopes-Graça, Óscar Lopes, Ilse Losa, José Rodrigues Miguéis, Casais Monteiro, Fernando Namora, Joaquim Namorado, Cardoso Pires, Júlio Pomar, Portinari, Carlos Scliar, Júlio Resende, Marmelo e Silva, Ana Maria Matute...

Do acervo também fazem parte cartas para Maria Letícia acerca dos seus assuntos (família, escola, traduções, edições...) e sobre o tratamento da obra de M. D. (empréstimos, direitos, publicações, exposições, etc.) depois da sua morte.

2. ESPÓLIO ARTÍSTICO



Foram emoldurados mais cerca de 20 quadros de Mário Dionísio com vista a figurarem na exposição «Vida e obra» que inaugura no fim da tarde do dia 25 de Abril de 2011, e noutras exposições.



A NOSSA POLÍTICA

Como se deixa ler, não faltam dados a encher as caixas laterais desta Ficha, sinal evidente de uma actividade a muitos títulos febricitante (é o termo) e que envolve esforço de menos gente do que à primeira vista se poderia supor, atendendo ao número de iniciativas postas em marcha.

No entanto, e apesar da alegria que é vermos a criançada a participar nas oficinas, verificamos ser parco, se bem que caloroso, o interesse dos locatários do bairro onde estamos inseridos, praticamente nulos quer o uso da Biblioteca que abrimos para ser «pública» quer o do Centro de Documentação, além de algo irregular a assistência às sessões de leituras, às conversas com pessoas culturalmente atractivas, e até às projecções de filmes que escolhemos já na mira de atrair um leque aberto de possíveis interessados.

Será isto reflexo de um débito de informação, chegando pois a pouca e distraída gente as notícias do que fazemos e nos propomos fazer? – Talvez, em parte. Por outro lado, é certo que a localização da nossa Sede e o seu acesso pouco ameno também não favorecem afluências mais amplas, já que os automóveis não sobem escadinhas...

Sabemos no entanto que são outras – e bem mais fundas – as razões de fundo que conduzem a esta situação. Tais razões, endémicas, e que se espraiam da área sociocultural à área propriamente política (e não tanto, para o caso, à área económica, uma vez que são livres todas as entradas), não são anuláveis por mero desejo ou voluntarismo de uns quantos como nós. Mas podem, e devem, ser quanto possível contrariadas.

Por nossa parte, não só não desmobilizamos como não estamos nem estaremos de braços cruzados face à apatia e à digestão de entretenimentos alienantes que são já programados para isso mesmo. Por isso insistimos nos trabalhos (es)forçados. É da nossa razão de ser. Ou, noutros termos, é a nossa política.

Duas técnicas do Departamento de Conservação e Restauro da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa começarão muito em breve a tratar (acondicionamento para conservação e consulta, restauro e emolduramento de alguns) os desenhos de Mário Dionísio (cerca de três centenas), soltos ou reunidos em blocos, com técnicas e dimensões muito diversas.

Está prevista para finais de Setembro uma exposição de Desenhos de Mário Dionísio, com curadoria de Paula Ribeiro Lobo, do Departamento de História de Arte da Universidade Nova de Lisboa.

Foi pedido um apoio ao Montepio. Concorremos a um apoio da DGArtes do Ministério da Cultura para o mesmo efeito e para um programa que acompanhará a exposição durante 5 meses.

3. EDIÇÕES

Por iniciativa de Vânia Chaves (responsável pelo trabalho de edição) e de João Marques Lopes, fundador da CA-CMD (autor da introdução) foi editada pelo CLEPUL (Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa) a dissertação de licenciatura de Mário Dionísio, apresentada em 1939 na Faculdade de Letras de Lisboa, sobre Erico Veríssimo.



Esta é a segunda dissertação de licenciatura de Mário Dionísio, uma vez que, no ano anterior, tinha ficado reprovado com uma outra sobre a «Ode Marítima» de Álvaro de Campos. Fernando Pessoa tinha morrido há 3 anos e era moderno de mais para ter entrado na Faculdade de Letras de Lisboa...

Na sessão de lançamento, que teve lugar no dia 22 de Fevereiro na Casa da Achada, entrevistaram Vânia Chaves, João Marques Lopes e Eduarda Dionísio, além de elementos do público.

[ERICO VERÍSSIMO] UM ROMANCISTA BRASILEIRO encontra-se à venda na Casa da Achada (10 €).

No dia em que sai esta Ficha 2, sai MÁRIO DIONÍSIO VIDA E OBRA, editado pela Casa da Achada-Centro Mário Dionísio.

É o n.º 4 da Coleção Mário Dionísio. Assinala e complementa a exposição MÁRIO DIONÍSIO – VIDA E OBRA que, além de pinturas e desenhos, tem documentos, livros,

VIAGEM A ITALIA

Uma casa aberta a tanta gente

25 pessoas foram de Lisboa, nos dias 25, 26 e 27 de Março, à festa da Lega di Cultura di Píadena. Esta associação de base operária e camponesa reclama-se do movimento de resistência camponesa na região de Mântua entre 1895 e 1900. É autónoma dos partidos políticos e das organizações sindicais. Tem como objectivo desenvolver actividades de investigação, recolha, elaboração e discussão de materiais culturais das classes trabalhadoras e de os difundir através de publicações, encontros, debates, colóquios e outras formas de comunicação oral de massa. Elabora «propostas para a transformação num sentido progressista da condição operária e camponesa», procurando fazê-lo numa «relação constante e na livre discussão com os trabalhadores». Foi fundada em 1967 por Gianfranco Azzali («il Micio»), Giuseppe Morandi, Eugenia Arnoldi e Pierino Azzali e outros amigos.



A festa tem sempre um tema diferente. Este ano, uma pergunta: «A che cosa serve il canto popolare?» Ocasão para um largo debate sobre as funções do canto popular e a sua importância social, as suas particularidades musicais, a sua política. A pergunta foi lançada por Alessandro Portelli, importante investigador e estudioso da «história oral». Ele perguntava se não estaria enfraquecida «a voz» das classes não-hegemónicas: «não apenas a voz do canto, mas também da subjectividade política antagonista e alternativa da qual o canto popular foi historicamente a expressão e um instrumento organizativo». O texto de Portelli que acompanhava a pergunta questionava o lugar do canto popular hoje ainda «na organização de lugares possíveis de alteridade e resistência cultural». Que novos cantos são esses? E cantar canções «históricas», testemunhos de outros tempos? Portelli julga que elas podem, entre outras coisas, «servir para manter viva, sem nostalgia, a consciência de uma história sem a qual arriscamos todos os dias esquecer quem somos».

No primeiro dia, Sexta-feira, 25 de Março, o Coro da Achada cantou num pequeno belo teatro em Casalmaggiore, depois de cantarem Giovanna Marini, o coro multiétnico «Sarabanda», de Roma, um coro de Marselha («Color de Mai») e o coro «Si bémol et 14 demis», de Paris. No sábado, dia 26, foi dia de discussão num espaço cedido pela igreja local, em Píadena, com intervenções de Giovanna Marini, Portelli, e de todos os coros. O Coro da Achada contribuiu para o debate lendo um diálogo onde se levantavam novas perguntas e tentavam respostas a partir da pergunta inicial do «Para que serve o canto popular?»

O debate foi muito para além das funções do canto popular. Não é fácil dizê-lo em duas palavras. Algumas ideias:

1. O canto popular não é estático, mas dinâmico – um processo de transformação, e não apenas um património a «defender» ou «preservar».
2. Investigar e intervir não são coisas que devam separar-se (disse Alessandro Portelli), tal como cultura e política são inseparáveis para a Lega di Cultura di Píadena.
3. Portelli lembrou a perspectiva de um homem que dedicou grande parte da sua vida à recolha de canto popular e da cultura oral em Itália e não só: Gianni

Bosio, homenageado no sábado de manhã com uma lápide em Acquaneira, na sua antiga casa. Gianni Bosio não procurava a antiguidade mas a contemporaneidade dos cantos e procurava compreender os processos complexos da sua transmissão e transformação.

4. Se for apenas um instrumento empobrecido e estagnado ao serviço de uma representação cristalizada de uma identidade não dinâmica, ou um produto de propaganda da intolerância, do fechamento e do ressentimento, o canto popular pode servir a extrema-direita regionalista e fascista (que tem alguma força em Itália, como é sabido).

5. Pelo contrário, o canto popular pode ser expressão e ferramenta de uma colectividade aberta, ajudando a construir (outra) sociedade, que tem uma dimensão local mas nunca perde de vista a globalidade do mundo e das relações humanas, consciente de ser um canto-na-história, que viajou e mudou, partilhou ca-



racterísticas, canto que hoje interfere e (se) transforma.

6. Portelli sublinhou a importância de compreender a diversidade e a multiplicidade dos cantos, em vez de procurar uma inexistente «pureza».

7. Parece mais interessante procurar no canto popular o que é dissonante e dissensual (por oposição a consonante e consensual). Giovanna Marini deu exemplos concretos – cantados – destas rugosidades e dissonâncias, explicando como foi para ela, que andou nos conservatórios, um extraordinário campo de aprendizagem. ➔

fotografias e tábuas biobibliográficas, que a Casa da Achada faculta ao público, na sua sede, entre 25 de Abril e 25 de Setembro de 2011, para depois itinerar.

Não é um vulgar catálogo de Exposição. Contém um conjunto de estudos e opiniões críticas que são outras tantas incursões pela obra plurifacetada de Mário Dionísio – o artista (poeta, romancista, pintor), o pedagogo e, em tudo, o intelectual interventivo, ética e politicamente.

São autores dos textos: Isabel da Nóbrega, Jorge Silva Melo, João Madeira, Luís Trindade, António Pedro Pita, Rui Canário, Maria Alzira Seixo, Rocha de Sousa, Regina Guimarães, Cristina Almeida Ribeiro, Nuno Júdice, Sa-guenail, Manuel Gusmão, Eugénia Leal. Encontra-se em preparação um álbum de desenhos de Mário Dionísio, com texto de Paula Ribeiro Lobo.

5. CORO DA ACHADA

Nos tempos que correm, um milagre. Composto por mais de 50 pessoas de todas as idades, tem ensaiado todas as quartas-feiras à noite, desde Julho 09. Do repertório, que tem aumentado, fazem parte canções com letra de Mário Dionísio, várias musicadas pelo próprio coro, além de muitas outras.

Desde Setembro de 2010, tem cantado na Casa da Achada (1.º Aniversário, 2 Out. 10; Fim-de-Semana Diferente, 18 Dez. 10; O Caso Battisti, 12 Fev. 11; Itinerário de Alípio de Freitas, 16 Abr. 11) e em vários outros locais, a convite de Câmaras, Universidades, Associações: Largo Camões, apelo à Greve Geral, 6 Nov. 10; pelas ruas de Lisboa, 24 Nov. 10, dia de greve geral; Clube Ferroviário de Portugal (nos 20 anos do SOS Racismo), 8 Dez. 10; Coimbra, Colóquio internacional «Portugal entre desassossegos e desafios», 17 Fev. 11; RDA 69, Jornadas Anticapitalistas, 26 Fev. 11.

Também participou em França na Fête de Chorales, Montreuil, 23 Out. 10, e em Itália na Festa anual da Lega di Cultura di Píadena (25-27 Mar.), no Teatro Comunale de Casal-maggiore e em Pontirolo-Píadena).

Próximas actuações: Escola Secundária de Camões, Lourinhã.

6. EXPOSIÇÕES

De 29 de Setembro de 2010 a 22 de Abril de 2011, esteve patente ao público a exposição 50 ANOS DE PINTURA E DESENHO – 2, reformulação daquela com a qual a Casa da Achada-Centro Mário Dionísio inaugurou em Setembro de 2009.

Dela fizeram parte 30 obras de Mário Dionísio, de várias fases, e 21 obras de vários artistas que por eles lhe foram oferecidas e que constam, assim, do seu espólio: Abel Salazar, Álvaro Cunhal, António Cunhal, Ave-lino Cunhal, Cândido Portinari, Carlos de Oliveira, Carlos Scliar, Germano Santo, José Júlio, Júlio, Júlio Pomar, Júlio Resende, Manuel Ribeiro de Pavia, Maria Helena Vieira da Silva, Raul Perez.

Rui-Mário Gonçalves, Sílvia Chico e Eduarda Dionísio guiaram visitas a esta exposição.

Algumas foram propostas por instituições,



escolas, associações, para grupos de visitantes. Entre eles, Centro Nacional de Cultura, Atrium, Comunidade Vida e Paz.

De 23 de Outubro a 8 de Novembro de 2010, esteve patente a exposição de fotografia VIEIRA DA SILVA E ARPAD SZENES VISTOS POR URSULA ZANGLER, conjunto de fotografias a preto e branco dos dois artistas, feitas pela fotógrafa Ursula Zangler, que com eles muito conviveu em Paris e Yèvre-le-Chatel, entre 1963 e 1978. A autora esteve presente na abertura e contou coisas sobre o quotidiano dos dois pintores. A folha da exposição incluiu a reedição de uma entrevista a Vieira da Silva, feita por Mário Dionísio em 1958, publicada na *Gazeta musical e de todas as artes*.



7. BIBLIOTECA PÚBLICA

Estão à disposição de quem quiser, às horas de abertura da Casa da Achada, mais de 4000 livros em várias línguas, arrumados por secções, e exemplares de cerca de 200 publicações periódicas. Tudo ofertas à Casa da Achada. As principais secções: Literatura, Arte, Ciência, História, Filosofia, 25 de Abril. A catalogação tem continuado, com ajuda de vários voluntários. Em breve estará a funcionar o empréstimo domiciliário.

8. CICLO A PALETA E O MUNDO II

Terminou a leitura das 2ª, 3ª, 4ª e 5ª partes (pintura do século XVIII a meados do século XX) de A PALETA E O MUNDO de Mário Dionísio.

Desde a abertura da Casa da Achada, em finais de Setembro de 2009, houve uma hora de leitura semanal da obra, todas as segundas-feiras ao fim da tarde, com projecção de imagens e alguns comentários. Os leitores,

«E tantas outras questões: O canto popular é prazer ou obrigação? Trabalho ou arte? Amador ou profissional? De especialistas ou de curiosos? É propriedade de quem? Com ou sem autor, é de todos, não é de ninguém? É herança viva? Está ligada à vida ou desligada? Canta-se no trabalho, na rua ou no teatro? Canta-se em casa ou na praça? É emancipador, cantar? Qual a sua função nas lutas sociais? É produção ou só consumo? Não se deixa administrar? É uma memória resistente? Em que sentido é revolucionária? Em que sentido não é? O canto pode ser ferramenta antagonista de autonomia e luta das tais classes «não-hegemónicas»? Parece que sim.

Tudo o que é importante no cantar está no canto popular, mas as grandes revoluções formais foram de outras músicas escritas, disse Giovanna Marini. E pôs a gente a pensar quando disse depois, simplesmente: «Uma canção faz-se todos os dias, de cada vez que se canta.»

No Domingo, dia 27, a festa propriamente dita. Fazer a festa é comer, arrumar, beber, lavar loiça, dançar, cantar, cozinhar, passar ideias, abraços, distribuir comida, discutir comidas, apanhar ovos, partilhar cantos, aprender, fotografar, provocar, conhecer, falar outras línguas, quebrar barreiras, traduzir, traduzir outra vez, descobrir diferenças e necessidades comuns, partilhar experiências de batalhas e vidas diferentes.

A Casa da Achada, no seu conjunto, fez muito para a festa. Enviou prendas e ideias, comidas e contribuições. O coro da Achada participou trabalhando, ajudando, debatendo e cantando lá.

Canta-se música popular do mundo inteiro, canto político, criações novas, adaptações de canções (o grupo de Piadena «I giorni cantati») fez uma letra para a festa, e o coro da Achada uma com sentido de humor sobre a queda do governo português). Cantam-se cantos de trabalhos que já não existem, cantos da tasca, canções de revoluções e combates, testemunhos e histórias, algumas bandeiras com amor e com raiva, forças comuns e necessidades comuns, canto popular, canções teatrais, reactualização de canções passadas. De Roma ao Bangladesh, de Marselha a Lisboa, de Sevilha a Paris, de Piadena ao mundo.

Gianfranco Azzali, fora dos microfones, diz que o canto é uma questão de tempo. Cantar devagar ou depressa. Ser da cidade ou do campo. E não esquece os tempos de hoje. Ele fala-nos, quando tem tempo e lhe apetece, de tudo, com horizontes largos: grave acidente numa central nuclear no Japão, água inquinada da Bassa Padana, a guerra na Líbia, a fábrica de betume, o racismo, os problemas com a nova gestão da «comuna» de Piadena que nem a protecção civil disponibilizou, os combates, a imigração, a riqueza e a pobreza em Itália, o progresso, o decrescimento... Ou como a sua mãe, a Genia, fundadora da Lega di Cultura, cega no fim da vida, não podia ver mas gostava de ouvir dar as horas no relógio da cozinha. E ela cantava.

Naquela casa cabe o mundo inteiro. Naquela casa aberta a tanta gente.

E aqui, em Lisboa, interrogamo-nos também fazendo.

Como se aprende a cantar quando se quer fazer um coro de não-cantores? E como é isso de fazer um coro de gente que diz que não sabe cantar, mas quer? Vontade não chega. E de boas intenções está o inferno cheio...

Quando se quer cantar colectivamente fora da produção cultural mercantil, como se «sustenta» a música? Quando gente de 4 anos, 16, 24, 32, 40, 48, 56, 64 anos se junta, não vem logo a *generation gap* dizer que não dá? Quando se escolhem canções menos conhecidas ou postas de lado, quem as quer cantar e ouvir? Não são velhas? São, são de mil oitocentos e... já!

Quando se porfia, ensaiando e experimentando, onde se esbarra? Em nós próprios, no que não sabemos, no que não queremos saber, no que não sabemos que afinal sabemos. Que mais se enfrenta? O preconceito, claro. Então cantam e não sabem? A divisão do trabalho. Também posso ser maestro um bocadinho? O medo. Isto vai correr mal... (Afinal correu bem, estamos vivos). A reprodução. Um coro «tem de fazer assim e assado...» A propriedade. Esta canção paga direitos! O dia-a-dia. Posso ir ao próximo ensaio? Tenho transporte? Trabalho de noite? Hoje sim, infelizmente. Estou cansado? Vou chegar atrasada? Quem abre a porta?

O que cantamos: canções com letras de Mário Dionísio? Claro. Lopes Graça? Sim, mas não chega. Canções novas para poemas antigos? Pois. E outros poetas? Sim, mas dá trabalho. Canção popular, qual? Canção política, em que língua? Traduz-se? Pode ser. Faz-se uma versão? Sim. O que escolhemos «salvar» – a letra ou a música? Ali a letra, ali a música. É actual, para cantar hoje, ou é para o museu? É actual. Como se canta? Faz sentido? Qual é o tom, qual é o tempo? Para a rua, para o teatro, para a associação, para quem? Vamos decorar comemorações de revoluções passadas? Pode fazer sentido. Mas e então a urgente energia do presente? Canções completamente novas, porque não?

Lá fizemos, cantámos, experimentámos. Bem, mal, assim-assim. Aprendendo com os erros. Discutindo um pouco. Procurando os caminhos. O caminho não está feito à partida.

O coro da Achada nasceu em Junho de 2009. Ensaia todas as semanas uma vez. Cantou para amigos e desconhecidos, em encontros de coros, a convite de associações e de movimentos sociais, fora e dentro de Lisboa, fora e dentro do país, na última greve geral por iniciativa própria, na rua, em festas, e na Casa da Achada, na Mouraria, ali onde o coro nasceu, onde ensaia, onde encontra ecos em pinturas e ideias, em vidas de pessoas, em livros que se desempoeiram de repente, porque era urgente ou se teve curiosidade.

É possível? Tem sido.

Pontos de partida: a música, a igualdade, a abertura, a curiosidade, o prazer, a aventura comum. Sem partitura, porque não tem de se ter estudado música. Reinventando a transmissão oral, com ajudas da era digital. O amador não finge de profissional – descobre outros caminhos, métodos imprevistos. E não ganha nada com isso. Ou talvez ganhe, mas não em tostões.

Buscando um espaço de liberdade, igualdade, gozo e... Limitações musicais? Sim, mas! Mas há sempre outras hipóteses e saltos no aprender. Aprendemos e nem percebemos que já mudámos. E as canções também não percebem.



A importância da música, da voz (ah, mas eu tenho esta voz?), da pausa, da dinâmica, do tempo, do intervalo, de uma palavra (amor, luta, chinelo, esperança) – o que nos liga ou afasta, o que nos obriga a novas soluções musicais (ah, eu posso cantar assim e já resulta!) e, no mesmo gesto, a transformar o mundo e as coisas, com um riso dissonante.

O que tem piada é que não estava escrito nos astros.

Pedro Rodrigues

DO DIÁRIO INÉDITO «PASSAGEIRO CLANDESTINO»

Conversa com o censor

Mário Dionísio

Cruzei hoje pela primeira vez os umbrais da comissão de Censura à imprensa. Por mais que isto seja um acontecimento banal na actividade profissional dos jornalistas e de muitos escritores, trata-se talvez de uma pequena data na minha vida.

(...)

Pensei demoradamente antes de bater à porta do censor. Há muitas maneiras de bater à porta, desde o tímido toque do que pede e das pancadas nítidas e serenas do que reconhece o direito de se fazer receber, ao estrondo irritado do que reclama, para não falar desses que, batendo estão já a arrombar a porta e que pelo simples ruído do anúncio já nos deixam ver que vão voltar a casa do avesso, gavetas e colchões. Mas há quem não queira ver, certamente, neste «bater à porta do censor», mais que um nebuloso, impreciso, já de si infamante bater à porta...



(...)

Negociar com a censura seria já a miséria moral. Mas não se trata de negociar. Trata-se de lutar, sabendo esgotar todas as gradações da luta, por conseguir fazer chegar ao público o que julgamos dever ser dito. Trata-se de defender o resultado de um trabalho de horas, de dias, de anos. Trata-se de não abdicar.

(...)

Até hoje não conheci esta entidade da censura senão de longe. Tanto sabia se eram homens ou máquinas que cortavam, que impediam as palavras de sair para a rua, livres e felizes, ao encontro dos homens a que se destinam. Hoje, estou aqui na porta, subo as escadas e (enquanto lá do fundo da parte comodista de mim mesmo uma tentação me segreda: ainda estás a tempo de regressar, de continuar a ignorá-los) bato ao pequeno postigo de vidro: «De-sejo falar com o senhor director da Censura.» Mandam-me entrar. Numa sala vulgar, com um sofá e dois *maples* de cabedal, dois grandes retratos na parede: um do director cessante, gordo e sorridente (de monóculo?, não sei), outro do director actual, fardado, com o rosto magro e mole a escorrer de

dentro do boné. É este o homem. Mas quem abre a porta é um sujeitinho baixo, já de meia-idade, de fala encolhida, olhar indiferente, que me ouve e lamenta não saber nada do assunto em causa: – «Sou o secretário. O melhor é voltar dentro de uma hora para conversar com o senhor director-adjunto. – «Mas eu queria falar com o próprio director.» – «Não, é melhor falar com o senhor director-adjunto. O senhor director» (gesto vago, alusivo a grandes alturas) «não está ao facto destas questões.»

Volto dentro de uma hora e sou logo recebido. Um homem alto, forte, cinquentão, de óculos de aro fino, cabelo castanho pouco domável, ergue-se por trás da secretária e, depois de apresentar-se (Tenente-Coronel D. S.), pede-me com grande amabilidade que me sente. Passo os olhos pela estante da frente, onde avulta um volume da editorial Calvino, do Rio de Janeiro, enquanto o oiço sem protestos. Diz que me conhece há muito tempo – embora não pessoalmente – que é um admirador da minha cultura e do meu estilo que aprecia imenso, cumprimentos que agradeço com um aceno de cabeça tão sóbrio quanto possível. Insiste nos cumprimentos certamente habituais (também ele deve supor que os intelectuais são poços de vaidade e que não há como elogiá-los para os ter na mão...): – «V. Ex.^a não precisa dos meus elogios, certamente os tem recebido de pessoas de muito mais valor do que eu que sou um simples tropa...» E, como não me vê disposto a entrar em assuntos diferentes do meu assunto, curva-se todo:

– «Queira dizer em que lhe posso ser útil.» E, voltando logo à criação de ambiente: – «Não é servido? Dá-me licença que tome o meu café?»

Enquanto exponho o meu assunto (saber concretamente em que é que o meu artigo pode fazer perigar os princípios morais, religiosos ou políticos do Estado, tratando-se de um ataque à exaltação com que costumam ser tratados os problemas da arte e da defesa de ponto de vista, segundo a qual existe uma linguagem específica na arte que é preciso conhecer para se realizar uma obra!...), não há sobressaltos do lado de lá. Esperava um ligeiro estremecimento, uma reacção fugaz, quando citasse o nome da revista em que colaboro. Mas nada. Em vez disso, veio esta confissão inesperada: – «Sabe o senhor M. D., nós temos aqui muita consideração pela sua obra e limitamo-nos a uma atitude puramente legal. Mas estamos sempre um bocadinho de pé atrás com os seus escritos. Às vezes, uma palavra, uma citação pode querer dizer mais do que parece. E, então, um corte pode ser mais pelo que se receia que o artigo diga do que...»

cont. depois das centrais



mais de duas dezenas, foram variando, rolando, reincidindo, muitas vezes com a ajuda da Carla Mota para as imagens.

Em Maio terá início a leitura da 1.^a parte que aborda questões gerais. São 11 capítulos já analisados e debatidos em sessões mensais (Ciclo «A Paleta e o Mundo – I»), de Outubro de 2009 a Agosto de 2010, cada uma delas coordenada por um fundador da Casa da Achada-Centro Mário Dionísio: Luis Miguel Cintra, Rui-Mário Gonçalves, Margarida Acciaiuoli, Manuel Gusmão, Regina Guimarães, Pitum Keil do Amaral, Jorge Silva Melo, Vítor Silva Tavares, Pedro Rodrigues, Manuel Augusto Araújo e António Pedro Pita. Para lá dos coordenadores, participaram muitos outros.

9. CICLOS DE CINEMA

Todas as segundas-feiras à noite continuou a haver cinema. Em Outubro de 2010, recolheu a casa. De Outubro a Dezembro, foi o o ciclo «Realizadores de uma só longa-metragem»; de Janeiro a Março, o ciclo «Cinema e Pintura». Está em curso o ciclo «Revoltas e Revoluções» que durará até ao fim de Junho.



Em Julho, Agosto e Setembro, voltaremos ao Cinema ao Ar Livre, no terreno em frente da Casa da Achada, onde plantámos uma árvore, pusemos flores e pintámos murais: dois com desenho de Mário Dionísio, outro de Bárbara Assis Pacheco que o pintou, durante o 1.^o aniversário da CA-CMD.

Todos os filmes foram exibidos com legendagem em português. Todos foram apresentados por alguém que deles gosta. Em todas as sessões foi distribuída uma folha com ficha técnica, sinopse, textos e imagens.

UMA MEMÓRIA DE MARIA LETÍCIA

A 27 DE DEZEMBRO do ano passado, morreu, aos 95 anos, Maria Letícia Clemente da Silva, companheira de toda a vida de Mário Dionísio.

Maria Letícia nasceu em 12 de Setembro de 1915, em Beja. Ainda criança, mudou-se com a família para Lisboa, onde sempre viveu. Na Semana de Abertura da Casa da Achada – Centro Mário Dionísio, Eduarda Dionísio contou-nos esta história:

«Era uma vez um miúdo, nascido no século XIX, de “mãe incógnita” segundo ouvi dizer, criado na Casa Pia, depois ferroviário, republicano e maçom (o que só soube depois da sua morte), que tirou o curso de Direito enquanto a filha fazia o liceu no Camões (uma das poucas raparigas que por lá andaram ao mesmo tempo que Álvaro Cunhal, nos anos 20 do século XX). A mulher desse ferroviário tinha o curso do magistério primário (tirado nos anos 10 do mesmo século), mas nunca teve profissão porque se casou com ele. Aplicou os saberes a preparar a filha para tirar a 4.ª classe, a fazer fotografia em casa e na economia doméstica. Mal contada, esta é a história da pequena ascensão dos pais de Maria Letícia.»

Para além de ter concluído o Curso Superior de Piano do Conservatório Nacional, tendo sido aluna de música de Oliva Guerra e Francine Benoît, Maria Letícia terminou em 1937 o curso de Filologia Clássica na Facul-



dade de Letras da Universidade de Lisboa, onde conheceu Mário Dionísio, com quem casou em 1940. Fez o estágio do ensino liceal em Lisboa, no Liceu Pedro Nunes, e foi professora de Português e de Latim no Liceu de Santarém, no Liceu Camões, no Liceu D. Filipa de Lancaster e no Liceu Rainha D. Leonor. Deu também aulas particulares.

Em 1947, foi afastada do ensino durante oito anos (até 1955) pelo regime salazarista «por razões de ordem política», nunca explicadas. Julga-se que por ter assinado as listas para a constituição do MUD (Movimento de Unidade Democrática) em 1945.

Também em 1945, depois do fim da guerra, altura em que nasceu uma nova esperança de mudança política em Portugal – que como sabemos não se veio a verificar... –, Maria Letícia fez parte do numeroso grupo de mulheres que aderiu ao Conselho Nacional de Mulheres Portuguesas, encerrado pelo Estado Novo em 1947. Pertenceu também à Associação Feminina Portuguesa para a Paz, de que foi Presidente, Vice-Presidente e Secretária da Assembleia Geral, entre 1945 e 1951, quando

«A mulher tem um instintivo horror à guerra..»

No seu número 82, de 19 de Janeiro de 1936, o jornal *O Diabo*, numa linha claramente pacifista face à avançada bélica dos nazo-fascismos, fez publicar um «Inquérito às Mulheres Portuguesas». Nele, a então jovem aluna da Faculdade de Letras, Maria Letícia, respondeu de feição ao referido inquérito:

«*O Diabo*» – *Maria Letícia estuda grego e latim na Faculdade de Letras. E as suas impressões para o nosso inquérito são-nos transmitidas com uma convicção e uma sinceridade que criam confiança no futuro:* – É sempre difícil falar das aspirações da mulher se atendermos à influência que nela necessariamente exercem o temperamento, a mentalidade e a cultura de cada uma. Contudo, entre a mulher romântica que, crente no Amor, aspira unicamente a construir um lar, e aquela que alimenta a utopia dos maravilhosos resultados de uma igualdade completa de direitos com o homem, surge uma outra de quem se conhecem as aspirações. É esta a Nova Mulher que, consciente do papel que lhe está reservado, aspira à independência, à elevação da sua



Única mulher entre os homens na Coop. Automecânica de Portugal, 1938

cultura, a uma benéfica coadjuvação junto do homem, à livre criação da sua personalidade num ambiente necessariamente próprio do seu sexo.

– *Para essa mulher, que representa o trabalho?*

– O trabalho feminino, quer material, quer intelectual, é absolutamente necessário: é uma das imposições da vida. Podemos considerá-lo, até, uma razão de existência. De futuro – porque eu creio nele –, quando às mulheres forem concedidos trabalhos em que ela possa manifestar plenamente todas as suas qualidades, o trabalho feminino será a afirmação de um valor de que muitos duvidam...

– *E será pacifista?*

– A mulher, como de resto todo o ser in-

tellectual e sentimentalmente bem formado, tem um instintivo horror à guerra. Não falando já das mulheres a quem o pensamento da perda de «alguém» basta para as tornar ferozes e irredutíveis inimigas deste flagelo social, toda a mulher, por um natural sentimento de fraternidade universal, é levada a considerar a guerra como um escolho para o progresso e felicidade dos povos.

– *E o que pensa sobre o Amor?*

– De uma maneira geral, considero muito transcendentais as respostas a dar a estas perguntas, porque desde o amor considerado um mero passatempo, até aquele que tem somente o fim de criar uma cómoda instalação na vida, ele tem as mais variadas interpretações. Mas o amor há-de ser sempre



a associação foi encerrada pelo Estado Novo.

Maria Leticia Clemente da Silva e Maria Emilia Coutinho Diniz foram colaboradoras de *A Capital* (de Março de 1968 a Julho de 1969) com o pseudónimo de Dinis da Silva, uma vez que os professores do ensino oficial só podiam nesta época escrever nos jornais sobre ensino depois de superiormente autorizados. Manteve com este pseudónimo a secção «Consultório Escolar».

Maria Leticia dedicou também muito do seu tempo à tradução, tendo traduzido e introduzido várias obras e apoiado o trabalho de outros tradutores. Foi ainda autora, com Eduarda Dionísio, de livros escolares para o ensino do Português, publicados entre 1972 e 1975 e adoptados pelas escolas durante alguns anos.

O espólio de Maria Leticia Clemente da Silva, ainda não estudado, que inclui a sua biblioteca (a mesma de Mário Dionísio), está disponível ao público no Centro de Documentação do Centro Mário Dionísio desde a abertura da Casa da Achada.

Não é demais repetir que sem a memória (rigorosa e crítica) e o trabalho de Maria Leticia – que começou, com Natércia Coimbra, a organização e catalogação do espólio de Mário Dionísio logo em 1994 –, sem as suas economias – que foram suficientes para adquirir o prédio em que se instalou a Casa da Achada – e sem a sua vida dedicada a Mário Dionísio, à educação e ao conhecimento, e à luta por um mundo diferente, não existiria esta casa. ■

– resposta a um inquérito

o mesmo sentimento incompreendido e assassinado que pela sua vulgaridade nunca frutificará o que seria para desejar. De resto, é uma moda que não passa, mas que só com a valorização intelectual do homem e da mulher será um sentimento consciente nas sociedades futuras.

– *Qual o ciclo histórico em que a mulher foi mais feliz?*

– Seria um absurdo afirmar-se ter havido uma época em que a felicidade ou a infelicidade fosse completa para todas as mulheres. Presentemente, há mulheres que se sentiriam felicíssimas se vivessem na Idade Média, no isolamento de um castelo feudal, escutando embevecidas o cantar de um trovador. Eu, por mim, analisando a vida da mulher através dos tempos, sou levada a afirmar que apesar de tudo é a nossa época a que melhor se coaduna com a maneira de ser da mulher que na vida procura um meio de viver melhor.

– *Tem algumas ideias formadas sobre o papel da Maternidade na vida espiritual da mulher?*

– A maternidade, nas mulheres que nasce-

ram para ser mães, é um bem. Dignifica-as, transforma-as, convence-as do papel importante que devem desempenhar. Socialmente, é utilíssima – porque o pensamento egoísta e aliás legítimo do futuro dos filhos as torna, evidentemente, em instrumentos úteis para a colectividade. Infelizmente há muitas mulheres que não compreendem a sua missão. Daí a necessidade de um consciente exame de consciência – perdoe-me o pleonasma! – da parte daquelas que se propõem desempenhar este cargo, que é afinal tão difícil como louvável.

– *Sobre o desenvolvimento intelectual da mulher...*

– Pondo de parte a influência que só pelo facto de ser mulher ela pode exercer, e considerando-a apenas um elemento da sociedade, a necessidade de cultura intelectual da mulher – não unicamente para se equiparar ao homem, mas porque sinta a necessidade de abrir novos horizontes ao seu espírito – é a atitude mais louvável que se lhe deve atribuir e reconhecer.

Uma vez que a mulher completa a sua existência criando e povoando um lar, o desen-

À Maria Leticia

chapelinho de quadrados
de vagar pela rua frenética
com uma fímbria de sol no laço
e uma saudade solta

desce um ar de natal sobre os passeios
sobre as pessoas sobre os carros
e um olhar sem palavras que flutua
põe-se a dizer de manso
antigamente

sinto surpreso que há momentos
em que as próprias rugas sabem bem
a ao nosso lado
numa alegria de cabelos soltos
o passado e o futuro correm de mãos
dadas

Mário Dionísio
O riso dissonante, 1950



volvimento intelectual, não sendo incompatível com o seu papel de mãe, contribui para cimentar os alicerces sobre os quais ela elevará, como mentor espiritual dos seus filhos, a personalidade daqueles de quem ela legitimamente sempre deseja fazer criaturas moral e socialmente superiores. Perante a sociedade, a mulher culta será sempre um elemento de valor que trabalha para o progresso e para a perfeição humana.

E a terminar:

– A convicção de que pode ser um «valor» imprescindível na construção de uma nova era de felicidade, eis o que mais dignifica a mulher – exigindo uma cultura, uma inteligência e, antes de mais, uma sensibilidade feminina, muito feminina. ■



10. OFICINAS AOS DOMINGOS

Têm continuado as oficinas aos domingos à tarde, com idade mínima de inscrição mas sem idade máxima, o que reúne novos e velhos nos mesmos trabalhos: em 3 de Outubro de 2010, durante o 1.º aniversário da Casa da Achada, conclui-se a OFICINA DE FOTOGRAFIA PINHOLE, chamada RETRATO(S) URBANO(S), orientada por Luís Rocha e Tânia Araújo do MEF, para jovens e famílias, com a inauguração de uma exposição.

A seguir, foi a OFICINA DE TEATRO que Mariana Goes orientou. Em Novembro, a oficina CONSTRUIR FANTOCHES, com Irene van Es e Clara Boléo, para todos de mais de 6 anos, a partir de uma peça de Jacques Prévert, e que deu origem a nova oficina em Março deste ano. Construíram-se mais de 20 fantoches.

Em Dezembro, mês das compras, Eupremio Scarpa retomou pela terceira vez o «fazer o que presta a partir do que não presta» e a oficina, para todos a partir dos 6 anos, chamou-se PRENDAS SOU EU QUE AS FAÇO. Em Janeiro e Fevereiro deste ano as oficinas foram para mais velhos: ENCADERNAÇÃO, com Sónia Gabriel e Pedro Oliveira, para todos a partir dos 15 anos (ou mais novos desde que acompanhados); em Fevereiro, MÚSICAS COM HISTÓRIA(S), orientada por Manuel Videira, para todos, a partir dos 14 anos (ver texto). Em Março, regressámos então aos fantoches e aos mais novos, com Lena Bragança Gil, Diana Dionísio, Marta Caldas: MONTAR UMA CENA COM FANTOCHES, com os bonecos fabricados em Novembro. A cena foi escrita, encenada, feito o cenário e apresentada. Voltará a poder ser vista na próxima Feira de Julho.

Acabou em 17 de Abril, a oficina JUNTAR FOLHAS EM CADERNOS, orientada por Sónia Gabriel e Pedro Oliveira, que reduziram o trabalho de encadernação ao que todos, pequenos e grandes, podem aprender a fazer.

Em Maio haverá uma oficina de gravura, com Carla Mota: GRAVAR MAIO.

11. MÁRIO DIONÍSIO, UM ESCRITOR

Entre Outubro e Março, houve 5 sessões da série mensal «Mário Dionísio, um escritor», sobre livros e textos de Mário Dionísio – ora leituras, ora palestras.

Antonino Solmer leu contos de O DIA CINZENTO (publicado em 1944, reescrito e reeditado com mais contos em 1967, com o

Conversa com o censor

Aproveito: – «Talvez então este artigo não tenha sido visto com a atenção necessária...» – «É possível», responde ele. «Vamos já ver o artigo todo.»

(...)

Mas já o secretário, que antes me recebera, viera trazer as provas cortadas. Sentei-me ao lado do censor, à secretária, e vimos o longo artigo parágrafo por parágrafo, período por período. Em cada linha, ele julgava encontrar a justificação do corte. Mas com tanta infelicidade que cada frase escolhida tinha a seguir a sua negação. Assim, quando digo que talvez tudo esteja justificado, a exaltação, a ira (e ele logo: – «Vê? O senhor diz que está justificada a revolta!»), faço-o ler o que vem a seguir: «Mas a exaltação não explica nem constrói.» Etc. Houve que explicar, período a período, que o que ali estava em causa não era a política portuguesa, o comunismo ou o anticomunismo, mas a defesa da arte; que só superficialmente poderia pensar o que, naturalmente, ele dissera dois minutos antes ou ia dizer daí a pouco. E ele não parecia querer vestir essa camisa. A sua relutância maior estava, manifestamente, em aceitar certos autores citados. Teve sorrisinhos de entendedor para os nomes de Langevin, de Aragon, de Lefebvre. «Para quê citar tantos comunistas?» Aí lhe expliquei que a minha posição era naturalmente diferente da dele, que, sendo um escritor independente, pensava que os autores deviam ser estudados, e citados, independentemente de serem comunistas, ou não, pelo que diziam de sério e de útil. Ao que ele contrapôs que era um perigo deixar citar tais autores: o público lia, interessava-se, procurava livros deles. Ao que eu contrapus, por minha vez, não evidentemente, que era isso o necessário para o desenvolvimento da cultura, mas que não via inconveniente nenhum em tratar-se qualquer assunto ou qualquer autor, desde que isso fosse feito num nível elevado, como ele próprio dizia reconhecer nos meus escritos.

De repente: – «Quem é este Victor Cousin?» – «Victor Cousin foi um ministro da Educação, francês, católico do século passado, a primeira pessoa que empregou a expressão “arte pela arte”...» – «Muito obrigado pela lição» disse; e seguiu. Mais à frente: – «Quem é este Jamati?» E, depois, voltou ao seu tema principal: – «Vê? Cá está outro comunista: Lefebvre! E cá estão as “contradições” da filosofia comunista.» – «As contradições são apanágio da filosofia comunista?» – «Sim, as contradições que eles aplicam depois na prática, ao social.» Regressei ao meu ponto de partida: – «O que me interessa não é o ponto de vista político; aqui defendo a importância da arte. Realmente penso que pode haver na Rússia, por exemplo, um grande artista ou um grande cientista... E ele logo: – «Claro! Mas estas contradições...» – «A contradição, interrompi, é do domínio de todas as correntes de pensamento. Que seria da filosofia cristã sem a contradição entre o bem e o mal? No *Auto da Alma*, Gil Vicente...» Mas o censor não queria ouvir-me mais. Ele próprio estava um pouco cansado de andar durante hora e meia por assuntos em que se sentia um pouco estranho. Anunciou-me que ia levantar todo o corte! Todo o corte!



Pedi-lhe então que carimbasse imediatamente aquelas provas para que o número da revista se não atrasasse mais. Chamou o contínuo para pôr no artigo o carimbo de visado e levantámo-nos. Não dei mostras da minha alegria. Vencera-o. Mas estava extenuado. Era preciso tudo aquilo para que um artigo saísse!

título DIA CINZENTO E OUTROS CONTOS) escolhidos por ele; José Manuel Mendes leu poemas de Mário Dionísio, também escolhidos pelo próprio.

Cristina Almeida Ribeiro falou dos contos de O DIA CINZENTO E OUTROS CONTOS, lidos por Antonino Solmer no mês anterior; Maria Alzira Seixo falou do livro de contos MONÓLOGO A DUAS VOZES (1986), Eugénia Leal, do livro de contos A MORTE É PARA OS OUTROS, publicado em 1988.

Continuarão estas sessões mensais: Em Abril, dia 29, ao fim da tarde, Manuel Cintra lê poemas de Mário Dionísio escolhidos por si, com acompanhamento musical de Bruno Broa. E em Maio, dia 13, também ao fim da tarde, António Cortez falará da poesia de Mário Dionísio. Em Junho será a vez de AUTOBIOGRAFIA, com Rui Canário.

12. LIVROS DAS NOSSAS VIDAS

Foram 6 as sessões mensais intituladas Livros das Nossas Vidas, feitas a partir de livros referidos num depoimento de Mário Dionísio sobre «Os livros da minha vida» (publicado no JL de 6/7/87). Cada um escolhe um livro ou um autor que lhe interessa: Pedro Rodrigues falou de MODERATO CANTABILE de Marguerite Duras; Gabriela Dias, de MONTANHA MÁGICA de Thomas Mann; Hélia Correia, de D. QUIXOTE de Cervantes, Mário de Carvalho, de A CONDIÇÃO HUMANA de André Malraux; Joaquim Beja, de A PESTE de Albert Camus, Filomena Marona Beja falou de Júlio Verne e Georges Simenon, Cristina Almeida Ribeiro, do conto «Arranjo em preto e branco» de Dorothy Parker.

As sessões continuam. Em Maio, será a vez de Marx (e Engels), com o Manifesto do Partido Comunista. Todos os que leram ou releram este livro há menos de um ano estão convidados a participar.



13. ITINERÁRIOS

Continuaram as conversas, de dois em dois meses, com pessoas que têm um percurso pouco vulgar e com as quais se aprende. Conversámos com Jorge Valadas, emigrante, militante, autor de livros em francês, quase todos com pseudónimo, que, nos anos 60, partiu de Lisboa para Paris, para não fazer a guerra colonial, e que hoje vive entre Paris e Tavira, reformado do trabalho de electricista que foi tendo.

Conversámos com João Paiva, operário litógrafo, que trabalhou na Gravura – Cooperativa de Gravadores Portugueses, ensinando o seu ofício a grandes artistas, e que, depois do 25 de Abril, animou as comissões de moradores e o desporto em Campolide. E vimos nesse dia, com ele presente, o documentário de Jorge Silva Melo (também presente) GRAVURA: ESTA MÚTUA APRENDIZAGEM (2008) sobre a Cooperativa Gravura, onde ele evidentemente aparece.

Conversámos com Rui Canário, à beira da aposentação do Instituto de Ciências de Educação (porquê?), onde é professor catedrático. Ex-professor do ex-ensino preparatório, ex-sindicalista, ex-militante de pequenas e médias organizações políticas, antes e depois do 25 de Abril. E que actualmente também pinta. Pela primeira vez, nesse dia, foram expostas algumas obras suas.

Conversámos com Alípio de Freitas, homem de farta vida e «de grande firmeza», com quem Zeca Afonso na sua canção (e não só) se solidarizou, alguém que começou por ser padre, que sabe o que são os camponeses e ter armas nas mãos, que conheceu a prisão e o exílio, que partiu de Trás-os-Montes e chegou ao Brasil (e outros países da América do Sul) e que regressou à nossa terra depois do 25 de Abril.

E nessa sessão se cantou a canção do Zeca e se projectou o vídeo À PROCURA DO SOCIALISMO de Alípio de Freitas e Mário Lindolfo.

14. AMIGOS DE MÁRIO DIONÍSIO

Esta série trimestral começou-se pela mais esquecida, MANUELA PORTO, com uma



sessão sobre a actriz e escritora, que se suicidou em 1950, organizada por Diana Dionísio e Pedro Rodrigues, durante a semana do 1º aniversário da Casa da Achada, com música, leitura de textos e pequena exposição documental. A sessão partiu do trabalho feito sobre Manuela Porto por Diana Dionísio para a sua dissertação de mestrado. Ouviu-se a voz de Manuela Porto, no único registo que existe, oferecido por Teresa Avelar, filha da pianista Maria da Graça Amado da Cunha, grande amiga de Manuela Porto e de Mário Dionísio.

MÚSICAS COM HISTÓRIA(S)

Tudo indicava que não era bem uma oficina como as outras que têm acontecido aos domingos à tarde na Casa da Achada. Ouvir música não é sujar as mãos, como quando se pinta, ou se escreve, ou se reciclam materiais, ou se constroem fantoches, ou se encadernam livros. Ouvir música é até uma actividade bem limpinha. E ouvir história. Mas que história? Da música ouvida?

– Não foi isso que aconteceu. Quer dizer, não foi bem isso. Daí o plural entre parêntesis, já emprestado do plural entre parêntesis da história do Godard do cinema(s). Começámos por ouvir uma música, a primeira de todas foi a Grândola do Zeca. Depois ouvimos a história desta canção.

– Não, não foi bem isso. Ouvimos uma das histórias desta canção, contada e escolhida pelo Manuel Videira e logo a seguir ele pôs outra música que ele achava que estava relacionada com essa história que por sua vez tinha mais história(s). E depois alguém de repente conta mais uma a propósito disso. As músicas estavam intercaladas com as histórias. Mas depois havia músicas que também contavam histórias. E histórias que contavam músicas? Pelo menos havia polifonia nas vozes dos participantes. Éramos quase sempre uns dez, doze, oito. Um dos participantes dizia: essa história não foi assim.



– Não foi assim? Não ponhas em causa a música seguinte! E depois as músicas que íamos descobrindo, que não conhecíamos, e outras, que conhecíamos as músicas mas não conhecíamos as histórias. Por exemplo, eu não sabia que a Judite do Fausto era a polícia judiciária. E não sabia que o Charlie Haden, no primeiro festival de jazz do Estoril, em 1971 tinha a gravação da canção para o Che guardada no bolso da gabardina que pendurou no bengaleiro da Pide antes de ser revistado e interrogado e que ninguém se lembrara de interrogar o bengaleiro, e por isso pôde a dita gravação dedicada no concerto aos movimentos de libertação de Angola e Moçambique ser mais tarde editada em disco. E nunca me tinha ocorrido que a música mais literalmente de intervenção podia ser o canto gregoriano. E quando ouvimos o coro dos escravos hebreus do Verdi alguém lembrou que os anarquistas cantavam esse tema com outra letra, chamando-lhe «a canção do Maio».

Isto já estava a ser muito uma oficina, como a dos fantoches, ou a dos materiais reciclados, ou a das pinturas. Então, para última sessão, o Manuel Videira lançou um desafio aos participantes: cada um que traga uma música da vossa história. E que a conte.

– Mas o quê, a música da minha vida?

– Não, uma música relacionada com a nossa história pessoal.

– Quê, mas a minha vida não é por aí além interessante para estar aqui a contar.

– Não, não é contares a tua vida, é contar de que maneira te ligas a uma música. Trata-se mais aqui de contar músicas a partir do ponto de vista que é o nosso.

– Contar músicas a partir do ponto de vista que é o nosso.

E foi assim que sujámos as mãos na música.

Miguel Castro Caldas



A segunda sessão foi sobre FERNANDO LOPES-GRAÇA, que esteve do lado de Mário Dionísio, João José Cochofel, Carlos de Oliveira, na chamada «polémica do neo-realismo» na *Vértice* dos anos 50. Quem orientou a conversa e algumas audições de peças do importante compositor foi o jovem musicólogo Manuel Deniz Silva. Estiveram presentes e participaram várias pessoas que conheceram bem Fernando Lopes-Graça, incluindo elementos do Coro da Academia dos Amadores de Música, que ele fundou e que actualmente tem o seu nome. Francisco Castro Rodrigues, Maria Eugénia Cochofel, Pedro Avelar fizeram depoimentos sobre alguém que, de formas diferentes, os marcou. Em Maio, dia 21, será a vez da pintora MARIA KEIL. Pelo meio da sua grande obra, está o arranjo gráfico da 1.ª edição de *A Paleta e o Mundo* de Mário Dionísio.

15. DIREIS QUE NÃO É POESIA

O título destas sessões, de periodicidade não regular, que foram acontecendo quando a alguém apetece, é um verso de Mário Dionísio, provando que partindo de poemas seus (e de outros) se pode chegar a outras artes, à vista de quem está.



Bárbara Assis Pacheco, que pediu a colaboração de João Pacheco, Miguel Manso, do grupo musical Duas Semicolcheias Invertidas e de crianças da Escola n.º 10, desenhou, num grande papel-cenário, a partir dum verso de *Le feu qui dort* de Mário Dionísio.

Inês Nogueira (voz) e Carlos Zíngaro (violino e electrónica) refizeram um espectáculo que já tinham experimentado e apresentado no Teatro Maria Matos, usando frases de Mário Dionísio (e até a sua voz).

16. GRUPOS DE QUEM ESTÁ ZANGADO COM A LEITURA

Depois da Leitura Furiosa 2010 (28 a 30 de Maio) em parceria com a Associação Cardan

de Amiens (França), que foi a 7.ª edição desta realização anual em Lisboa, com a participação dos Centros Sociais/ Polivalentes/ De Dia dos Anjos, Socorro, S. Cristóvão e S. Lourenço, da Escola EBI n.º 10 (Castelo), da Escola EBI n.º 75 (Madalena), da Escola Gil Vicente e do CPR (Centro Português dos Refugiados), com os escritores Armando Silva Carvalho, Filomena Marona Beja, Jacinto Lucas Pires, José Mário Silva, Mário de Carvalho, Miguel Castro Caldas, Raul Malaquias Marques, em que colaboraram os desenhadores Bárbara Assis Pacheco, José Smith Vargas, Nadine Rodrigues, Nuno Saraiva, Pierre Pratt, Zé d'Almeida e os actores e músicos Antonino Solmer, Bruno Bravo, Diana Dionísio, Diogo Dória, Fernanda Neves, Inês Nogueira, Pedro Rodrigues, Sandra Faleiro e 10 tradutores; começaram a funcionar alguns grupos de leitura, com os escritores Filomena Marona Beja, Jacinto Lucas Pires, Miguel Castro Caldas e Raul Malaquias Marques, no Centro Social da Sé, no Centro Social de S. Cristóvão e S. Lourenço, na Escola EBI n.º 10 (Castelo), na Escola EBI n.º 75 (Madalena). Uns melhor, outros pior.



Na Casa da Achada, reuniram-se os que estavam a funcionar, comunicando uns aos outros o que andavam a ler. E leram em voz alta. As crianças da Escola do Castelo cantaram poemas de Mário Dionísio, musicados alguns por eles próprios, com o incentivo e o saber da professora Ariana Furtado.

A 8.ª edição da Leitura Furiosa em Lisboa acontecerá nos dias 6, 7 e 8 de Maio em vários lugares. Domingo, 8 de Maio, haverá uma sessão pública: leituras e músicas, apresentação dos resultados do que foi feito em Amiens, Lisboa, Porto, Beja (pela 1.ª vez) e talvez em Kinshasa nos mesmos dias.

17. APRESENTAÇÃO DE LIVROS E VÍDEOS

Apresentaram-se livros e vídeos com alguma relação com a Casa da Achada-Centro Mário Dionísio: obras de fundadores, obras relacionadas com o que Mário Dionísio viveu:

«Antes do Inverno» chamou-se a sessão onde foram apresentados, em Novembro, livros e vídeos de Regina Guimarães e de Saguenaïl, produzidos pela Hélastre em 2010. Foi apresentado o livro HHHH – OPERAÇÃO ANTROPÓIDE de Laurent Binet, editado pela Sextante, com a presença do autor que à noite apresentou o filme OS CARASCOS TAMBÉM MORREM, de Fritz Lang, incluído no Ciclo Revoltas e Revoluções, com o mesmo tema do seu livro.

SAUDAMOS CASTRO RODRIGUES



No passado dia 2 de Março, estando a decorrer a XIII semana cultural da Universidade de Coimbra dedicada ao tema «Reinventar a Cidade», estivemos presentes com Francisco Castro Rodrigues, no bar do Teatro da Cerca de S. Bernardo, para apresentação (seguida de debate moderado pelo prof. arquitecto José António Bandeirinha) do livro *Um Cesto de Cerejas*. Na presença de uns tantos alunos de arquitectura, houve ocasião para uma animada conversa que alastrou das «arquitexturas» às abordagens de vidas, pessoas, tempos e lugares que conduzem finalmente à própria **reinvenção** das cidades.

Dias depois fomos surpreendidos pela atribuição do prémio AICA de Arquitectura a Francisco Castro Rodrigues. O júri português daquela Associação Internacional dos Críticos de Arte, presidido por Manuel Graça Dias, considerou a obra do Arquitecto «de grande relevância cultural na cena portuguesa, ainda que pouco conhecida das gerações recentes», sublinhando que a parte mais significativa dessa obra se situou na cidade angolana do Lubito, à qual o premiado «imprimiu um forte carácter urbano a partir dos anos de 1950». Recordou ainda o júri daquele importante prémio, que é atribuído anualmente, que Castro Rodrigues «se destacou logo em 1947 quando liderou o grupo fundador da revista *Arquitectura*» e do seu papel na divulgação da escola modernista inspirada em Le Corbusier.

Sai daqui uma saudação (suplementar) ao nosso sócio fundador.



18. ANIVERSÁRIO DA CASA DA ACHADA

Uma semana entre 29 de Setembro e 5 de Outubro, com actividades várias: além da inauguração das exposições «50 anos de Pintura e de Desenho – 2» e «1 ano de actividades da Casa da Achada-Centro Mário Dionísio», exibição de um filme sobre um ano de actividades na CA-CMD; lançamento do livro Entrevistas de Mário Dionísio; 1.ª sessão de «Amigos de Mário Dionísio» – Quem foi Manuela Porto?; leitura por 15 fundadores da CA-CMD da antologia de textos de Mário Dionísio «Mais verde, mais azul, mais branco, mais vermelho», coordenada por Luís Miguel Cintra; concerto com o Coro da Achada e o grupo CRAMOL, pintura de murais, última sessão da oficina Pinhole com exposição; «Pequeno é bom» – feira de edição independente; e para assinalar o 5 de Outubro: plantação de uma árvore acompanhada por leitura de textos de José Gomes Ferreira, leitura de textos de Raul Brandão por Jorge Silva Melo e ainda o 2.º leilão de arte, em que a Gesto-Cooperativa Cultural participou – e muito. Uma das formas, das mais importantes, de encontrar recursos para manter a CA-CMD, a partir de ofertas de um grande número de artistas.

19. FIM-DE-SEMANA DIFERENTE

Como em Dezembro do ano anterior, fez-se no mesmo mês (Dezembro), com actividades várias: vendas de livros em segunda mão e cds, peças de vidros de artistas vindas de Tallinn («Cores, Imagens, Sentimentos»), projecção do filme estónio Baile de Outono, visita guiada por Sílvia Chicó à exposição «50 anos de pintura e desenho-2»; canções pelo Coro da Achada; última sessão da oficina «Prendas sou eu que as faço»; apresentação do resultado da oficina de fantoches (excerpts da peça Guignol de Jacques Prévert); «Movimento Diplomático do Outono» – leitura de poemas por Fernando Nunes com acompanhamento musical.



20. EMPRÉSTIMO DAS INSTALAÇÕES

Continuámos a emprestar o espaço para algumas realizações:

– PEQUENO É BOM, encontro da edição independente (mostra e venda de fanzines, debates, vídeos), organizado por Chili com Carne, fez mais duas sessões.

– Ciclo de documentários AS CIDADES E A CONSTRUÇÃO INFORMAL, inserido no Colóquio «Políticas de Habitação e Construção Informal» (ISCTE-IUL, org. CIES), aconteceu todas as terças-feiras de Janeiro, à tarde e à noite.



Sessão na Casa da Achada:
Desenho de João Palla

- Apresentação do filme *De Caras* de Tiago Afonso sobre Camilo Mortágua.
- Concerto do grupo Le Doux Vacarme, vindo de França.
- Apresentação do livro *Classe – Uma ideia política sob o signo de Walter Benjamin* de Andrea Cavalletti, editado pela Antígona, com a participação do autor, de António Guerreiro, Bruno Peixe, Ricardo Noronha.
- Mesas-redondas, organizadas pela UNIPOP: «O Espectro da Anarquia», com António Cunha, António Pedro Soares, José Carvalho Ferreira, José Neves, Miguel Madeira, Miguel Serras Pereira e Ricardo Noronha; «Dos motins às revoluções e vice-versa», com Miguel Cardoso, Pedro Rita, José Soeiro, Paulo Granjo e Ricardo Noronha.
- Apresentação do livro *Contos da Biodiversidade*, editado pela Quercus.
- Debates organizados por O Beco/Exit: «A Crise e a Crítica do Valor»; «A Crise e o Duplo Marx».
- Leitura de *A Comunidade* de Luiz Pacheco por Isabel da Nóbrega, organizada por Tânia Pinto.
- Sessão «O caso Battisti é o caso de todos nós», com João Bernardo, Rui Mendes e António Pedro Soares, em que houve música com José Mário Branco, Amélia Muge, Diana e Pedro, Pedro Soares, Marta Caldas e Coro da Achada.
- Lançamento do n.º 2 da revista *Capicua*, organizada pela Associação Cultural Catalunyaapresenta, com Ana Marques Gastão, Ricardo Marques, Alèx Tarradellas. Leituras por Isabel da Nóbrega e projecção dum filme sobre Manuel Pedrolo.
- Debate de bloggers sobre «O PREC e a actualidade», inserido no Festival Panorama, com Pedro Mexia, Tiago Mota Saraiva, Daniel Oliveira, Rodrigo Moita de Deus e João Villalobos.

21. AMIGOS DA CASA DA ACHADA

Foram criados em Janeiro de 2010 os «Amigos da Casa da Achada», que contribuem com uma pequena quota simbólica e usufruem de descontos nas edições da Casa da Achada e nos seguintes espaços culturais: Castelo de São Jorge, Museu Arpad Szenes-Vieira da Silva, Museu do Fado, Museu da Marioneta, Padrão dos Descobrimentos, Teatro o Bando, Teatro Municipal Maria Matos, Teatro da Trindade.

São até agora cerca de 170, sem contar com os sócios fundadores.

EDIÇÕES: LIVROS



MÁRIO DIONÍSIO – VIDA E OBRA
Livro-catálogo da exposição. 112 pp.
Com textos de: Isabel da Nóbrega, Jorge Silva Melo, João Madeira, Luís Trindade, António Pedro Pita, Rui Canário, Maria Alzira Seixo, Rocha de Sousa, Regina Guimarães, Cristina Almeida Ribeiro, Nuno Júdice, Saguenail, Manuel Gusmão, Eugénia Leal.
Col. Mário Dionísio 4

PVP - 20 € Amigos da Casa da Achada - 15 €
JÁ PUBLICADOS:

MÁRIO DIONÍSIO – ENTRE PALAVRAS E CORES – alguns dispersos (1937-1990)
54 textos de Mário Dionísio. 372 pp.
Seleção e organização: Clara Boléo, Cristina Almeida Ribeiro, Eugénia Leal, Jorge Silva Melo, Maria das Graças Moreira de Sá, Pedro Rodrigues, Regina Guimarães.
Coordenação: Cristina Almeida Ribeiro.
Col. Mário Dionísio 1
Edição em parceria com Livros Cotovia
Apoio: Direcção-Geral do Livro e das Bibliotecas

PVP - 18 € Aqui - 14 €

RUI-MÁRIO GONÇALVES – MÁRIO DIONÍSIO PINTOR
Álbum. 64 pp.
Texto de Rui-Mário Gonçalves ilustrado, 30 reproduções de quadros de Mário Dionísio de tamanho de página, cronologia ilustrada.
Col. Mário Dionísio 2

PVP - 14 € Aqui - 10 €

MÁRIO DIONÍSIO – ENTREVISTAS (1945-1991)
Entrevistas a Mário Dionísio e de Mário Dionísio. 350 pp.
Seleção e organização: Clara Boléo, Cristina Almeida Ribeiro, Eugénia Leal, Pedro Rodrigues, Regina Guimarães.
Coordenação: Cristina Almeida Ribeiro.
Col. Mário Dionísio 3

PVP - 18 € Aqui - 16 €

Amigos da Casa da Achada - 14 €

FRANCISCO CASTRO RODRIGUES – UM CESTO DE CERJEAS – conversas, memórias, uma vida
Organização, introdução e notas de Eduarda Dionísio
Volume cartonado. 200 imagens. 480 pp.
Apoio: Ass. Promotora do Museu do Neo-Realismo

PVP - 22 € Aqui - 18 €

SERIGRAFIAS



5 serigrafias a partir de desenhos de M. D. numa tiragem de 80 exemplares, em co-edição com a Gesto-Cooperativa Cultural.

Preço de cada: 50€; Preço do conjunto: 200€

22. COLABORAÇÕES e PARCERIAS

Foram feitos protocolos de colaboração com as seguintes associações: Associação Cardan (Amiens-França) com quem fazemos a Leitura Furiosa; Associação Alagares (Sintra) que realizou uma sessão sobre Mário Dionísio em Alagares, onde participaram Eduarda Dionísio, Filomena Marona Beja, Francisco Castro Rodrigues, Diana Dionísio e Pedro Rodrigues; Centro Nacional de Cultura (Lisboa) que promoveu uma visita à CA-CMD e agendou uma nova para Julho; CACAV (Círculo de Animação Cultural de Alhos Vedros) onde iremos em breve e que apresenta filmes programados nos nossos ciclos de cinema. Colaboramos com a AJA-Norte, na iniciativa «Ocupar Abril e Tomar de Assalto Maio», nalgumas realizações.

Foi assinado um Protocolo com a EGECAP para descontos aos Amigos da Casa da Achada nas entradas em espaços culturais por ela geridos.

Colaborámos pontualmente com a Associação Renovar a Mouraria (Lisboa), o Centro Em Movimento (Lisboa), a Lega di Cultura di Piadena (Itália), o Coro Domingeiro (Sevilha), o Coro Si Bemol et 14 demis (Paris). Participámos no Festival Todos (CML, Lisboa). Fomos agora aceites como parceiros do QREN-Mouraria, processo que se arrasta desde antes da nossa abertura ao público em 2009.

23. APOIOS E PEDIDOS DE APOIO

A Fundação Gulbenkian deu-nos um apoio para «promoção da leitura em bibliotecas públicas» no valor de 15 000 € para dois anos. A Direcção Regional de Lisboa e Vale do Tejo deu um apoio de 5850 € para dois anos (Julho 2010), nomeadamente para actividades relacionadas com a obra de Mário Dionísio que podem ter interesse para o bairro.

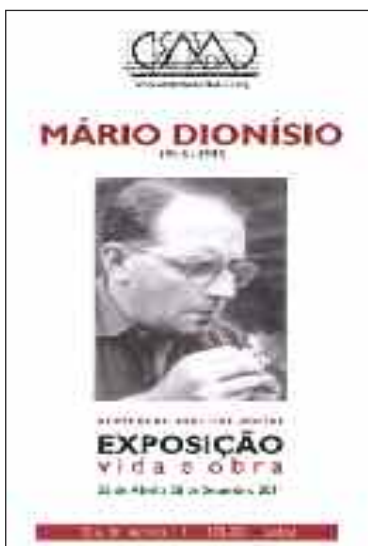
Continuamos à espera da resposta da CML à candidatura apresentada em 31 de Julho de 2010 (antes de termos recebido o montante de 20 mil euros referente ao mesmo ano) para as nossas actividades de 2011.

Estamos à espera da resposta à candidatura BIP-ZIP apresentada pela Junta de Freguesia de S. Cristóvão e S. Lourenço, em que somos parceiros, sobretudo para o arranque dos empréstimos da Biblioteca Pública e também da candidatura que apresentámos à DGArtes para o restauro e exposição dos desenhos de Mário Dionísio, assim como do pedido de apoio ao Montepio, que, a existir, só poderá chegar depois do dia 28 de Abril.



Casa da Achada, vista exterior – pintura de Joaquim Simões, 2010

TRABALHOS NA ACHADA: O QUE AÍ VEM



Abril

Seg. 25, 19h Abertura da exposição e apresentação do livro. Canções pelo Coro da Achada. Convívio. **Sex. 29, 18h** MÁRIO DIONÍSIO, UM ESCRITOR: 11.ª sessão de uma série mensal sobre livros e textos de M.D. Manuel Cintra lê poesias, com acompanhamento musical de Bruno Broa. **Sab. 30, 16h** Visita guiada à Exposição.

Maio

Seg. 2, 18h30 CICLO A PALETA E O MUNDO II: Leitura da Conclusão, com projecção de imagens e comentários. **Seg. 2, 21h30** CICLO REVOLTAS E REVOLUÇÕES: **Cenas da Luta de Classes** de Robert Kramer. **Dom. 8, às 15h** LEITURA FURIOSA: leitura pública por actores dos textos escritos em Lisboa, Porto, Beja, Amiens, Kinshasa, resultado de encontros, na sexta-feira 6, de escritores com «zangados com a leitura» em Centros Sociais e de Dia, escolas públicas e outros lugares. **Seg. 9, 18h30** CICLO A PALETA E O MUNDO II: Leitura do 1.º capítulo («Chamemos-lhe divórcio»), sobre as relações entre a arte e o público). com projecção de imagens e comentários. **Seg. 9, 21h30** CICLO REVOLTAS E REVOLUÇÕES: **Gestos e fragmentos** de Alberto Seixas Santos **Sex. 13, às 18h** MÁRIO DIONÍSIO, UM ESCRITOR: 12.ª sessão. António Carlos Cortez fala da poesia de Mário Dionísio. **Dom. 15, às 15h30** OFICINA: **Gravar Maio** - gravura e impressão, com Carla Mota, para todos a partir dos 6 anos. **Seg. 16, 18h30** CICLO A PALETA E O MUNDO II: Continuação da leitura do 1.º capítulo, com projecção de imagens e comentários. **Seg. 16, 21h30** CICLO REVOLTAS E REVOLUÇÕES: **Os malucos de Maio** de Louis Malle. **Qua. 18, 17h** **O Que é o espólio Mário Dionísio. Para que pode servir.**

Sessão destinada às Universidades. **Sab. 21, às 16h** AMIGOS DE MÁRIO DIONÍSIO: MARIA KEIL 3.ª Sessão de uma série trimestral, com uma pequena exposição-relâmpago e projecção de um vídeo. **Dom. 22, às 15h30** OFICINA: **Gravar Maio** - gravura e impressão, com Carla Mota, para todos a partir dos 6 anos. **Seg. 23, 18h30** CICLO A PALETA E O MUNDO II: Leitura do 2.º capítulo («A ciência contra a Arte?»), sobre as relações entre arte e ciência), com projecção de imagens e comentários. **Seg. 23, 21h30** CICLO REVOLTAS E REVOLUÇÕES: **A nova Babilónia** de Grigori Kozintsev e Leonid Trauberg. **Sab. 28, 16h** LIVROS DAS NOSSAS VIDAS: **Manifesto do Partido Comunista** de Marx e Engels, por quem o leu ou releu há menos de um ano. 11.ª sessão de uma série mensal, a partir de livros referidos num depoimento de Mário Dionísio sobre «Os livros da minha vida». **Dom. 29, às 15h30** OFICINA: **Gravar Maio** - gravura e impressão, com Carla Mota. **Seg. 30, 18h30** CICLO A PALETA E O MUNDO II: Início da leitura do 3.º capítulo («Os caprichos têm data», sobre as relações entre arte e História), com projecção de imagens e comentários. **Seg. 30, 21h30** CICLO REVOLTAS E REVOLUÇÕES: **Histórias da revolução** de Tomas Gutierrez Alea.



Rua da Achada 11, 1100-004 Lisboa. Tel. 218877090. casadaachada@centromariodionisio.org
www.centromariodionisio.org

ficha²

Fabrico caseiro. 25 Abril 2011

APOIOS: C.M.L., FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN, MINISTÉRIO DA CULTURA-DIRECÇÃO REGIONAL DE LISBOA E VALE DO TEJO.
PARCERIAS COM QREN-MOURARIA E ASSOCIAÇÃO CARDAN.